

**O inconsciente, o sexo, o amor e a morte**

The unconscious, sex, love and death

Resenha do livro “**Malditos, obscenos e trágicos**” de Nadiá Paulo Ferreira. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2013, 172 páginas.

---

*Laéria Fontenele*

Psicanalista. Professora do Curso de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da UFC. Coordenadora do Laboratório de Psicanálise. Diretora do Corpo Freudiano Escola de Psicanálise – Seção Fortaleza. Membro da Academia de Letras e Artes do Nordeste.



A intimidade de Nadiá Paulo Ferreira com a Psicanálise e a Literatura, associada à sensibilidade, à fina inteligência e ao poder analítico que lhe são próprios, une, sob a forma da associação entre três significantes, os nomes de Sigmund Freud, Jacques Lacan, Gregório de Matos, Nelson Rodrigues e Fernando Pessoa – esses malditos, obscenos e trágicos, que causaram polêmica nas diversas épocas em que se inscreveram, e que continuam a causar até hoje, dada a pertinência do que transmitem acerca do sexo, do amor e do ódio.

A escolha feita pela autora desses termos para qualificar, de forma uníssona e ao mesmo tempo diversa, esses cinco escritores não é vã, tampouco arbitrária; tem um sentido preciso, que ela bem define em sua introdução ao livro. Trata-se do fato de que todos eles parecem ter tocado em algo que os identifica: o fato de terem produzido obras que veiculam um saber difícil de ser apreendido e aceito por revelar questões que remetem ao inconsciente, à sexualidade e ao amor; promovendo a ruptura da tela da fantasia, com a qual nos defendemos do impossível, tornando exposta a fratura que nos constitui: a falha que compreende toda compacidade, aquela que é ilustrada pelo paradoxo de Zenão, o de que Aquiles jamais encontrará a tartaruga senão no infinito. Forma lógica e matemática de dizer o impossível.

Além disso, é importante, porém, que atentemos para o modo como se tem dado a recepção cultural das obras dos referidos autores. Nela, vemos projetar-se um amálgama feito de amor e ódio, de atração e repulsão ao mesmo tempo. Se, por um lado, atraem por sua genialidade na forma com que apresentam o grave do padecer humano e suas adocicadas ilusões; por outro lado, é isso mesmo o motor da resistência com que são recebidos pelos leitores e que retrata o modo como o homem lida com aquilo que constitui sua singularidade, com atração e repulsa. Com verdade e mentira.

Sobre essa forma avessa de recepção, a autora chama-nos a atenção para o modo como os mesmos foram representados, lembrando-nos, por exemplo, de como foram rotineiramente designados e o são até hoje: Gregório de Matos, o Boca do Inferno ou Boca de Brasa, termos que levam à sua descrição como de um ser dotado de uma alma maligna, a qual se manifestaria nos seus modos de perverter os costumes; Nelson Rodrigues, o tarado obcecado por sexo, sobretudo relacionado a crimes, adultérios, incestos, estupros e infanticídios; Freud, o pansexualista que teria denegrido a dignidade humana, sobretudo por ver nas crianças a marca da sexualidade; Lacan, o hermético e ininteligível que só era digerível por um circuito de iniciados, os lacanianos, aos quais transmitiria a mesma maldição, forma habitual de negar o valor de suas contribuições à psicanálise e ao entendimento do laço social em sua dimensão de discurso; Fernando Pessoa, o criador de

pseudônimos, o fingidor que se projeta em múltiplos outros eu, o simulador de si mesmo que lembra sem cessar o drama humano, que se vê dividido entre o que pensa ser e o que o ultrapassa, mostrando-lhe o estrangeiro incômodo que existe em si.

Por meio da reunião desses autores, do que os caracteriza e do que marca a singularidade de cada um deles, a autora leva-nos a explorar aquilo que condiciona suas qualificações como malditos, trágicos e obscenos: o sexo, o amor e a morte, tais como revelados em suas escrituras literárias ou no saber que a psicanálise construiu sobre tal. Trata-se, sobretudo, de tecer os caminhos com os quais se dá a confluência entre o desejo e o gozo que se pode revelar de formas diversas, inclusive com a preponderância mortífera de um sobre o outro, como, por exemplo, na matriz masoquista do amor apregoado pela ética cristã – na qual se dá a substituição do desejo pelo amor ao próximo e a elevação da falta ao estatuto de pecado – tão belamente ilustrada e analisada no capítulo dois deste livro, ou, para dar outro exemplo, na sobreposição do desejo à razão tal como expresso na poesia de Gregório de Matos, em que o sexo, ao adquirir sua força extrema, resvala para a obscenidade, conforme o capítulo três, que aborda os paradoxos do amor e do gozo, segundo a poesia de Gregório de Matos, o teatro de Nelson Rodrigues e a poesia de Fernando Pessoa.

A descoberta freudiana do inconsciente revelou o lugar preponderante ocupado pela sexualidade tanto nas formações normais como anormais resultantes do trabalho compreendido em nossa alma. Todos os autores resgatados neste livro souberam muito bem disso e o revelam por meio do testemunho do inconsciente que dão com suas obras, mesmo que negando tal revelação, como no caso específico de Nelson Rodrigues, que, tal como uma personagem de seu teatro, ataca ferozmente a psicanálise em uma entrevista dada a uma rede de televisão, com isso revelando o seu estatuto de vigilante da moral que o faz dividido entre o bem e o mal, entre o dever e o desejo. O que Nelson expõe em sua dramaturgia é a tragédia a que conduz o desejo, tragédia da qual só o amor poderia vir em socorro, nada mais psicanalítico, uma vez que, com Lacan, sabemos ser o amor o que vem em suplência da inexistência da relação sexual.

Se, por um lado, a teia em torno da qual o livro é urdido constrói-se por meio das relações entre o amor e o gozo, estes são contextualizados de forma vertical na teoria psicanalítica, na medida em que são abordados no contexto da teoria freudiana e lacaniana dos afetos, a estrutura edípica, da sexualidade como efeito de linguagem, do lugar ocupado pelo pai em suas formas imaginária, simbólica e real, na relação entre o gozo e o significante, dentre diversos outros aspectos que fazem com que possamos entender o modo como homens e mulheres se posicionam para fazer face ao furo que marca a sexualidade e à falha que marca o tão desejado encontro amoroso.

Assim, por exemplo, temos uma das versões, que Nadiá Paulo Ferreira nos apresenta, de um desses modos de fazer suplência a tal desencontro, a de Fernando Pessoa, o qual se teria transformado, pela via da sublimação, no amante de si mesmo, na medida em que amado por Deus. Para ele, trata-se de amar para além de qualquer máscara com que se reveste o objeto perdido do desejo, para além de qualquer simulacro desse objeto e, por isso, extrai do sem sentido a própria força do fazer poético, sua zona de silêncio produtora do efeito estético, em si sublime.

Muitos são os caminhos por que nos leva a autora, mas, por qualquer lado que nos conduza, vamos sempre ao encontro do que a psicanálise nos ensina de mais surpreendente e radical acerca dos paradoxos da estruturação do sujeito, de suas marcas significantes, de seus modos de fazer laços sociais urdidos de amor e de ódio, com doses diversas. Enfim, estamos no terreno do sofrimento que os homens costumam causar a si mesmos e a outros homens, estamos no domínio da fina clínica psicanalítica que os poetas sabem dizer tão bem, sem o saberem e sem que necessitem de tanto esforço de sistematização conceitual do que se decanta na experiência analítica.

**Recebido em 09/03/2014**

**Aprovado em: 12/08/2014**